

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Matheus de Luca Silva Bueno

TERRORISMO NA ÁFRICA: UMA ANÁLISE DO GRUPO BOKO HARAM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Laurindo Paulo Ribeiro
Tchinhamá

Uberlândia

2025

TERRORISMO NA ÁFRICA: UMA ANÁLISE DO GRUPO BOKO HARAM

Matheus de Luca Silva Bueno¹

RESUMO: A questão do terrorismo se tornou cada vez mais evidente para os pesquisadores da área de segurança internacional após os ataques de 11 de setembro. Além da região ocidental e do Oriente Médio, ocorrem manifestações desse fenômeno também no continente africano. Dessa forma, o caso do Boko Haram se mostra um objeto de estudo consistente para a compreensão do tema na África. Nosso objetivo é analisar a atuação do grupo na Nigéria considerando a sua origem, motivações e *modus operandi* através da lente teórica sobre o terrorismo para avaliar as especificidades e ascensão do assunto no continente africano. Partimos de uma abordagem qualitativa mediante revisão da literatura para analisar a formação espacial e sócio religiosa da Nigéria e origem do grupo. Argumentamos que o grupo Boko Haram adquiriu motivações de outros grupos fundamentalistas/terroristas fora da África devido à forte influência islâmica no país, ao mesmo tempo em que apresenta características únicas e complexas que distinguem suas atividades de tais grupos.

Palavras-chave: Terrorismo; África; Boko Haram; Nigéria.

ABSTRACT: The issue of terrorism has become increasingly evident to researchers in the field of international security since the September 11 attacks. In addition to the Western region and the Middle East, there are also manifestations of this phenomenon on the African continent. As such, the case of Boko Haram is a consistent object of study for understanding the issue in Africa. Our aim is to analyze the group's activities in Nigeria, considering its origins, motivations and *modus operandi* through the theoretical lens of terrorism in order to assess the specificities and rise of the issue on the African continent. We take a qualitative approach through a literature review to analyze the spatial and socio-religious formation of Nigeria and the origin of the group. We argue that the Boko Haram group has acquired motivations from other fundamentalist/terrorist groups outside Africa due to the strong Islamic influence in the country, while at the same time presenting unique and complex characteristics that distinguish its activities from such groups.

Keywords: Terrorism; Africa; Boko Haram; Nigeria;

¹ Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia

1. INTRODUÇÃO

O 11 de setembro foi um divisor de águas para os estudiosos de segurança internacional, desencadeando uma série de debates sobre o terrorismo. A partir do ataque ao *World Trade Center*, em Nova York, percebeu-se que os inimigos do novo milênio não eram nações, não estavam confinados a fronteiras e muitas vezes não dispunham de um exército formal. Com a implementação da chamada “Guerra Global ao Terror”, o governo dos Estados Unidos procurou identificar a localização de grupos terroristas, bem como os Estados financiadores ou apoiadores. Nesse contexto, o debate concentrou-se principalmente no eixo Ocidente-Oriente Médio, frequentemente negligenciando os grupos terroristas operando no continente africano.

Mais de duas décadas após os ataques, o então secretário-geral da ONU, António Guterres, classificou o continente africano como “o novo epicentro global do terrorismo” durante o 10º encontro do Comitê de Coordenação Global das Nações Unidas Contra o Terrorismo (UN, 2024). Assim, o objetivo deste artigo é compreender como se manifesta o fenômeno do terrorismo na África e sua percepção no âmbito regional e nacional/local, a partir da análise do grupo Boko Haram, que opera na Nigéria. A pesquisa visa identificar a origem, objetivos, ideologia, estratégias e impacto do grupo na região e na vida da população, bem como suas ligações com outros grupos paramilitares islâmicos.

Da perspectiva metodológica, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo baseada em revisão bibliográfica, utilizando-se da lente teórico-conceitual do terrorismo para compreender o grupo Boko Haram e suas características, a partir de análise de documentos oficiais e literatura especializada no tema.

Do ponto de vista estrutural, na primeira parte do artigo será feita uma discussão acerca da dificuldade em se definir e caracterizar o terrorismo de forma objetiva, a partir do qual busca-se avaliar um modelo que seja pertinente para o continente africano. Considerando que o terrorismo é um tema abrangente, buscaremos conceituar o fenômeno do ponto de vista das relações internacionais, destacando também como é percebido especificamente na África e as nuances que esse termo pode assumir no continente, dado seu histórico de movimentos de libertação nacional e independência do continente de potências imperialistas.

Num segundo momento, o trabalho se aprofunda na análise do grupo Boko de modo a compreender sua origem e ascensão, especialmente na segunda década dos anos 2000. Analisamos profundamente o grupo Boko Haram, desde sua origem e fundadores, perpassando pelos desdobramentos e atentados realizados ao longo dos anos. A terceira parte do artigo aborda as relações transnacionais do Boko Haram com grupos fundamentalistas islâmicos. Destacamos sua ligação com a Al-Qaeda, Talibã e Estado Islâmico, buscando explorar como esses grupos moldaram a identidade do grupo nigeriano. Por fim, tece-se as considerações finais acerca do caso Boko Haram na Nigéria e questionamos como esse grupo pode ajudar a compreender o terrorismo na África de modo geral.

Ademais, é mister frisar que dentre as razões do nosso estudo estão no fato de que, durante a pesquisa, ficou evidente a falta de conteúdo e contribuições acadêmicas sobre o grupo Boko Haram depois dos anos 2020, sobretudo no Brasil na qual o debate sobre terrorismo além das regiões do Oriente Médio e Ocidente ainda é escasso. Assim sendo, percebe-se que boa parte dos achados focavam basicamente até o ano de 2016, fato que pode ser compreendido pela resposta militar ao grupo no período 2015 - 2016, que resultou em perdas territoriais do grupo, mas que não o neutralizou totalmente suas ações até hoje (Brechenmacher, 2019). Tendo isso em vista, a análise apresentada focará na atuação do grupo no período 2003-2015.

2. O TERRORISMO EM ANÁLISE

A temática do terrorismo nos apresenta uma dificuldade em sua caracterização, e pesquisadores de diferentes áreas tem tentado encontrar a melhor forma de descrevê-lo. Após os acontecimentos do 11 de setembro, o termo passou a ser empregado de forma quase arbitrária, para descrever as inimizades do império atacado, ao passo que as organizações terroristas não contam com territórios fixos e fronteiras definidas. Apesar disso, podemos argumentar que o terrorismo existe como uma forma de ação, cujo papel seria alcançar um objetivo político através do medo, que já vinha sendo empregada muitas décadas antes, seja por grupos de indivíduos ou Estados, para se alcançar um objetivo político (Saint-Pierre, 2003).

Por se tratar de um fenômeno abrangente, Estados e pesquisadores podem elaborar definições com diferentes ênfases do terrorismo. David J. Whittaker, no seu livro “Terrorismo –

um retrato” (2005), buscou levantar a definição dada por diferentes atores, com o objetivo de fornecer um esclarecimento geral acerca do tema. Apesar do ponto central convergir para o uso ou ameaça do uso da força com objetivos políticos, tornou-se evidente que as definições utilizadas por órgãos oficiais, como o *Federal Bureau Investigation* (FBI), Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (EUA) e do Governo do Reino Unido, se mostraram abrangentes demais, o que poderia “levar o governo a restringir ou mesmo negar direitos legítimos a uma vasta gama de grupos dissidentes” (Whittaker, 2005, p. 19).

Para Saint-Pierre (2003), uma das principais dificuldades para definição do terrorismo seria a subjetividade do medo. Conforme o autor, quando tratamos de ações terroristas, nos referimos de eventos em que os grupos perpetradores tentam, por meio do medo, alcançar um objetivo político, mas que apenas terá sucesso caso a ação seja capaz de gerar uma sensação de terror nos indivíduos atacados e seus semelhantes. Nesse sentido, uma mesma ação pode gerar sentimentos discrepantes em pessoas diferentes, baseados nas suas experiências prévias e traumas pessoais. Dessa forma, pode-se compreender que a dificuldade do debate perpassa a área das relações internacionais e embarca em questões mais ligadas a psicologia.

Outro ponto acerca da caracterização do terrorismo foi debatido por Nasser (2014), onde o autor discute o chamado “terrorismo religioso”, ou “novo terrorismo”, que se tornou um termo bastante utilizados pós 11 de setembro, tanto por órgãos oficiais como por acadêmicos da segurança internacional. Nessa perspectiva, o novo terrorismo tem uma característica quase irracional por estar ligado ao fundamentalismo religioso, no qual os perpetradores “possuem finalidade ilimitadas e totalitárias exatamente devido a sua intrínseca relação com as doutrinas religiosas fundamentalistas” (Nasser, 2014, p. 69). Além disso, os novos terroristas entenderiam o uso da força como uma forma de legítima defesa contra agressões externas e demandariam uma “revolução global completa” pautada na religião.

Em contraponto, Nasser (2014) apresenta estudos empíricos que ajudam a refutar a relação entre terrorismo suicida e fundamentalismo islâmico. Isso ocorre, principalmente, a partir da contextualização apresentada pelos estudos, onde o território de origem dos grupos terroristas estava constantemente sob ocupação estrangeira, e as ações empregadas podiam ser caracterizadas como lutas de libertação nacional, ou seja, um objetivo laico. Apesar disso, o autor também salienta

que, embora não seja uma causa determinante do terrorismo, a religião pode se apresentar como um agravante nos conflitos contra ocupação estrangeira.

Nesse sentido, do ponto de vista do perpetrador, podemos compreender como o empreendimento do termo “terrorista” pode apresentar uma conotação de vontade política, pois o grupo considerado terrorista para uns, pode ser compreendido como um herói libertador por outros, de forma que o terrorista é sempre o “outro” (Saint-Pierre, 2003). Ainda, pode-se citar, por exemplo, no caso africano, o Congresso Nacional Africano, que foi um movimento engajado na luta antiapartheid na África do Sul, mas que foi por muitos anos, e mesmo após o fim do apartheid, considerado como uma organização terrorista pelo governo dos Estados Unidos (Firsing, 2012).

Por sua vez, ao analisar o perfil do terrorista, Nasser (2014), observa há o comportamento do individual e das organizações terrorista. Conforme o autor, quanto ao indivíduo, é imprescindível analisar as motivações e as condições que levam a adesão ao terrorismo, que comumente são de cunho religiosas, irracionalidade e problemas socioeconômicos (baixa renda, desempregado, baixo nível educacional). Essas características se tornaram fatores para exploração por parte dos líderes de organizações terroristas para doutrina.

Concernente às organizações, conforme Nasser (2014) elas variam desde aquelas de filiação religiosa, como al-Qaeda e o Hamas, e os laicos, como o Tigres Tâmeis. O autor chama que os contextos históricos e sociais e ideologias se sobressaem em analogia ao individual. Assim sendo, contexto com falta de liberdade e direitos políticos, por exemplo, se apresentam como cenários para ascensão de organizações terroristas.

Basicamente podemos notar que o conceito do terrorismo e o surgimento de grupos terroristas apresentam uma variedade de motivações. Desde aquelas mais simples, que consideramos de nível individual, e aquelas mais abrangente relacionado às reivindicações de carácter político-estratégico, nível das organizações. Diante do exposto, é importante compreender a expansão e crescimento do terrorismo no continente africano, visto que essa falta de coerência quanto a definição do terrorismo encontra tração também em Estados africanos.

2.1 Terrorismo na África

A África foi um continente altamente explorado durante séculos, e termos como “terrorista” e “terrorismo” foram empregados, durante décadas, por potências coloniais para descrever atores que lutavam contra o colonialismo e ao imperialismo exercido por essas potências no continente africano. Essa falta de unidade para definir o terrorismo resulta tanto em uma dificuldade do emprego de medidas antiterroristas no continente como em uma facilidade para a expansão de grupos terroristas (Botha; Graham, 2021).

Assim sendo, a definição de terrorismo utilizada no presente artigo para analisar o caso do Boko Haram será aquela desenvolvida pela Organização da Unidade Africana (OUA) e adotada pela sua sucessora, União Africana (UA). No continente africano, conforme González (2020, p. 11) a contribuição para o debate ocorreu mediante “uma definição ampla de terrorismo sem a qualificação de islâmico e a diferenciação entre atos terroristas e ações terroristas e as ações desenvolvidas por grupos em sua luta pela autodeterminação”. Assim sendo, a definição proposta pela OUA está descrita no documento “*OUA Convention on the prevention and combating of terrorism*”, no artigo 1, entende o terrorismo como:

qualquer ato que constitua uma violação da legislação penal de um Estado-membro e que possa colocar em perigo a vida, a integridade física ou a liberdade de qualquer pessoa, número ou grupo de pessoas ou causar danos à propriedade pública ou privada, aos recursos naturais, ao patrimônio ambiental ou cultural, e que seja calculado ou destinado a causar: intimidar, impor medo, forçar, coagir ou induzir qualquer governo, órgão, instituição, o público em geral ou qualquer segmento dele, a fazer ou abster-se de fazer qualquer ato, ou adotar ou abandonar um ponto de vista particular, ou agir de acordo com certos princípios; ou interromper qualquer serviço público, a prestação de qualquer serviço essencial ao público ou criar uma emergência pública; ou criar uma insurreição geral num Estado (OUA, 1999, p. 3 tradução nossa).

É importante ressaltar que utilizar o conceito africano de terrorismo é uma forma de rompermos com a visão ocidentalizada comumente abordada pela literatura, demonstrando lacuna numa abordagem sobre o tema pela perspectiva africana. O conceito africano se diferencia dos demais ao apresentar uma série de elementos que podem ser caracterizados como atos terroristas em si. Ainda, nota-se a ausência da criação de um inimigo a ser eliminado e localizado, fato que aparece comumente no conceito de terrorismo no pós-ataque do 11 de setembro. Ainda, o conceito supracitado chama atenção pela imparcialidade, visto que, além de não se alinhar ao modelo ocidental, ela coloca a ameaça à segurança do Estado soberano em múltiplas dimensões. No

entanto, o conceito africano é de cunho continente sem especificar regiões com mais ou menor predominância de grupos terroristas.

Além disso, é importante que o conceito data do final do século XX, o que demonstra uma preocupação do tema antes do 11 de setembro de 2001, na qual o tema ganhou destaque o continente foi inserido no debate, em especial a região da África Ocidental. Nesse sentido, segundo Nkwi (2015, p. 81), a região se tornou palco do terrorismo internacional no século XXI devido as ações perpetradas por grupos como “al-Qaeda no Magreb Islâmico (AQIM), Boko Haram no Norte da Nigéria, Seleka e anti-Balaka na República Centro-Africana e Janjaweed do Sudão do Sul atraíram as atenções internacionais.” Conforme o autor, a atuação desses grupos está relacionado a presença de estrangeira na região, mas especificamente a contra a civilização ocidental e têm como principal objetivo “sua principal agenda é trazer de volta o Islã clássico que existiu na região desde o século X” (NKWI, 2015, p. 86). O autor completa que é importante destacar que a presença do Islã na África Ocidental data de 1066 D.C. No caso da Nigéria, a islamização da região norte mediante guerras religiosas e a instalação do primeiro califado por Dan Fodio ocupando boa parte da região do Sahel (IDAEWOR, 2020; NKWI, 2015).

Na análise de Idaewor (2020), o terrorismo na África Ocidental se intensificou em 2011 com a queda de Muammar Gaddafi, porém desde a independência, a região tem sido palco de vários problemas sociopolítico: golpes militares, guerras civil de cunho religioso e étnico. Logo, problemas de ordem política, a pobreza, por exemplo, favoreceram a ascensão do terrorismo na região.

Para Nkwi (2015), o combate ao terrorismo na região da África Ocidental tem demandado ações das organizações regionais, em particular da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)², considerada uma das atuantes. Segundo o autor, a organização atua de forma coletivo tendo como um dos instrumento de ação medidas para gestão, prevenção, resolução de conflitos, manutenção da paz e segurança na região destaca-se a Declaração Política e Posição Comum contra o Terrorismo.

² “A CEDEAO foi formada em 28 de maio de 1975 em Lagos, Nigéria. Havia quinze membros inicialmente, que incluíam, entre outros: Benin, Costa do Marfim, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Burkina Faso, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, São Tomé e Príncipe” (NKWI, 2015, p. 89).

Tal declaração providenciou uma Estratégia Contra-Terrorismo regional e um Plano de Implementação para auxiliar os Estados-membros a combater o terrorismo. Além disso, tal estratégia também visava suavizar o progresso da implementação de instrumentos regionais, continentais e internacionais de combate ao terrorismo. Proporcionava uma estrutura operacional comum para ações de amplo alcance na comunidade para prevenir e exterminar qualquer ato relacionado ao terrorismo ” (NKWI, 2015, p. 90).

Considerando o foco desse trabalho, a CEDEAO tem buscado controlar as atividades terroristas do grupo Boko Haram, um dos mais conhecido na região e opera no “Norte da Nigéria e de Camarões, no Níger, Chade e na ponta Norte da República Centro Africana” (NKWI, 2015, p. 81). A título de exemplo, o autor destaca a reunião de emergência da organização em 2014 após o ataque do grupo na Universidade do Governo Federal, na Nigéria, condenando as ações do grupo. Para tal, foi criada uma Comissão de Abuja de caráter temporário para apoiar o governo e o povo nigeriano na luta contra o terrorismo, além da disposição para trabalhar com os demais países na empreitada contra o grupo.

No âmbito continental e internacional, Nkwi (2015) pontua que a CEDEAO solicitou atenção e auxílio à Nigéria no combate ao Boko Haram. Em 2013, a organização se reuniu para traçar medidas de contra os ataques do grupo. Além disso, a Comissão da Bacia do Lago Chade³ se juntou à CEDEAO na luta contra o grupo, em 2012, visto que seus países também se sentiram ameaçado. Percebe-se aqui a abrangência do conceito de terrorismo africano através dessas ações coletivas, porém, na prática, os planejamentos não se traduziram em ações, como afirma o autor “disputas internas da maioria desses países têm sido também um obstáculo, que não lhes permitam traduzir eficazmente o sua retórica em ações concretas” (NKWI, 2015, p. 81).

No âmbito internacional, Idaewor (2020) lembra do papel da Nações Unidas, que, em 2006, por meio da Assembleia Geral das Nações Unidas, adotou a “Estratégia Global Antiterrorista das Nações Unidas”. Assim, “o objetivo era aperfeiçoar os esforços nacionais, regionais e internacionais para combater o terrorismo mediante uma abordagem estratégica e operacional comum (IDAEWOR 2020, p. 97).

³ A organização é composta por países próximo ao Lago Chade, quais sejam o Chade, Níger, República Centro Africana, Nigéria, Sudão, Argélia e Líbia (Nkwi, 2015).

Outra iniciativa tem sido dos Estados Unidos da América (EUA) direcionada à região da África Ocidental. Conforme Idaewor (2020), o país se comprometeu em ajudar com uma força tarefa com tropas estadunidenses e europeias com financiamento de 60 milhões. Além disso, também implementou a Iniciativa Pan Sahel, 2002-2004, e em 2005 lançou a Iniciativa Transaariana de Luta Contra o Terrorismo, do qual Chade, Mali, Níger e Mauritânia, Nigéria, Burkina Faso, Mali, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Chade e Senegal são parceiros. Especificamente na Nigéria, o autor nota que desde 2005 os EUA apoiam o país nas regiões mais afetadas pelo terrorismo

De acordo com relatórios recentes, os EUA gastaram, na forma de intervenção, cerca de 165 milhões de dólares para apoiar os agricultores e deslocados no país para restaurar a segurança alimentar, combater a fome severa e a subnutrição, bem como desenvolver o setor agrícola em geral. Esta intervenção, por meio de uma iniciativa conhecida como *Feed the Future Global Food Security Strategy* (Plano Nacional da Nigéria), também se concentra na melhoria das condições no nordeste da Nigéria, onde o terrorismo tem prejudicado muito a agricultura, entre outras consequências socioeconômicas (IDAEWOR (2020, p. 98).

Em nossa análise, observamos que, as ações de cunho internacionais, é uma ação estratégica de combater o terrorismo na África de modo que não se escale para os países ocidentais. É uma forma desses países dizerem que o berço do terrorismo são os Estados fracos ou falidos, devido as suas incapacidades política, econômicas e militar para combater o terrorismo na região. No entanto, é imperioso reconhecer que os países da região envidam esforços no combate ao terrorismo. Percebe-se que o olhar africano sobre o terrorismo, de forma sintética, está relacionado a violação da soberania estatal e não na construção de um inimigo a ser eliminado, nem atribuições ou associações de cunho regional, religioso ou étnico. Diante do exposto, a seguir, analisa-se como as ações do grupo Boko Haram se inserem ou dialogam com a abordagem teórica em pauta.

3. BOKO HARAM: ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO

O passado colonial nigeriano molda, até os dias de hoje, as dinâmicas de comportamento e a divisão interna presentes no país. A parte norte da Nigéria teve forte influência de populações muçulmanas durante séculos, enquanto a parte sul, apesar de contar com uma população muçulmana, é predominantemente cristã, por conta da influência europeia desde o século XV. Essa

divisão foi aplicada como uma política colonial de “dividir para conquistar”, que dificultou um processo de pan-nigerianismo contra os colonizadores (Mohammed, 2014).

A identidade muçulmana na Nigéria é, em grande parte, moldada pelo Império de Canem-Borno e do Califado de Sokoto, que foram poderosos impérios na África, até a chegada dos colonizadores no início do século XX. A origem do pensamento contra a educação ocidental parte de sua associação com a colonização e missionarismo dos colonizadores na sua chegada a região hoje conhecida como Nigéria. Essa repulsa a educação colonial foi de encontro aos desejos dos colonos, que não tinham a intenção de levar sua cultura para as massas no norte de Nigéria, mas sim de limitá-la a aristocracia local, criando assim uma divisão ainda maior na sociedade, que perdura até os dias atuais e foi combustível para a insurreição do grupo liderado por Mohammed Yusuf, fundador do grupo Boko Haram (Mohammed, 2014).

O Boko Haram é um grupo fundamentalista religioso que surgiu no nordeste da Nigéria no início dos anos 2000. Em 1995, Mohammed Yusuf estava entre os membros de um grupo chamado Sahaba (os companheiros do profeta), do qual se tornou o principal líder em 2002, após ser expulso de duas mesquitas na região de Maiduguri, por conta de suas pregações fundamentalistas, Yusuf se distancia de seu mentor, Ja’afar Mahmud Adam. Devido às diferenças ideológicas, faz uma reforma na liderança do grupo, expulsando os líderes originais e radicalizando cada vez mais sua agenda, até que o grupo passa se chamar *Jama’atu Ahlis-Sunnah Lidda’awati Wal Jihad* (Pessoas comprometidas com a Propagação dos Ensinamentos do Profeta e com o Jihad), que ficará popularmente conhecido como Boko Haram (Reinert, Garçon, 2014).

Do ponto de vista etimológico, o nome Boko Haram é uma junção entre a palavra Boko, em hauça, que significa “educação ocidental”, e Haram, em árabe, que significa “proibido ou pecador”. Nesse sentido, o nome do grupo poderia ser entendido como uma oposição à educação ocidental (Iyekekpola, 2016). Entretanto, um porta-voz do grupo, em 2009, afirmou que o significado do nome está relacionado a proibição da cultura ocidental como um todo, a partir da compreensão da supremacia da cultura islâmica, não se limitando apenas a educação (Onuoha, 2012). Nota-se desde já o caráter político anticolonial no berço da fundação do grupo.

Quanto a estrutura do Boko Haram, um elemento a ser destacado é a sua desfragmentação. O grupo possui um líder (o *Amir ul-Aam*), que até sua morte em 2009, era Mohammed Yusuf, que

conta com a ajuda de outros dois representantes (*Na'ib Amir ul-Aam I e II*). Abaixo deles, cada estado onde o grupo atua possui um comandante (*Amir*), além de subcomandantes para cada área de governo local. Os outros membros do grupo são distribuídos em funções de soldado, policiais etc., abaixo dos *Amirs* (Onuoha, 2012). Esse modelo disperso de organização é apontado com uma das dificuldades para a implementação de políticas antiterroristas no país, pois representa uma estratégia para operar com maior capacidade (González, 2020).

A maior parte dos filiados ao grupo são jovens descontentes, graduados, desempregados e *Almajiris* (termo nigeriano que faz referência a alguém que abandona sua casa em busca de conhecimento sobre o islamismo), e membros com alta educação, ricos e influentes. Dados de 2009 apontam que o grupo tinha aproximadamente 280 mil membros à época, na Nigéria e em outros países, como Níger, Chad e Sudão, e cada um tinha que pagar 100 nairas (cerca de US\$ 0,06) diariamente ao líder. Esse valor compunha os custos básicos das operações do grupo, mas havia também doações de políticos e outras pessoas ricas que simpatizavam com o grupo (Onuoha, 2012). É apontado também a dependência do controle do tráfico internacional de armas, drogas e recursos humanos (sequestros com exigência de resgate) como meio para financiamento do grupo (González, 2020). Na sua gênese, ressalta-se a empreitada política do Boko Haram, a partir da ligação entre suas lideranças e o senador Ali Modu Sheriff, que foi apoiado pelo grupo nas eleições para governador do estado de Borno, em 2003, contra o antigo governador, Mala Kachalla, que era contrário às ideias do grupo. Da perspectiva da liderança, Sheriff faria o uso da popularidade de Yusuf entre os mais jovens para conseguir ser eleito, e em seguida faria a instauração da sharia (lei islâmica) no estado, pauta que foi o objetivo do grupo desde o início e levou a radicalização de seus membros. Com a eleição de Sheriff, Yusuf ganhou cargo em uma das comissões do governo, onde acredita-se que saíram os primeiros financiamentos para que o grupo pudesse se armar (Iyekekpolo, 2016; Reinert, Garçon, 2014).

Em dezembro de 2003, um grupo de seguidores de Yusuf lança uma série de ataques a delegacias e prédios do governo em cinco cidades diferentes próximo à fronteira com o Níger, no que ficou conhecida como a primeira vez que o grupo praticou atos violentos, apesar de a tomada dos prédios terem sido sob a bandeira do Talibã afegão (Onuoha, 2012). Após uma intervenção do exército, muitos militantes foram mortos, enquanto os sobreviventes retornaram para a cidade de

Yusuf, que foi culpado pelos ataques por parte das autoridades nigerianas e fugiram para a Arabia Saudita, retornando anos depois.

Durante o ano de 2004, ocorrem outros ataques a delegacias de polícia no estado de Borno e próximo à fronteira com o Chade, deixando militares e civis mortos e feridos. Entre os anos de 2005 e 2007, o principal foco do grupo foi no recrutamento de novos membros e angariamento de recursos. Além disso, foi um período marcado por prisões e solturas de Mohammed Yusuf. O grupo ressurgiu em abril de 2007, com o assassinato do antigo mentor de Yusuf, Ja'afar Mahmud Adam em uma mesquita no estado de Kano. Já junho entre julho de 2009, aconteceu a maior empreitada do grupo contra o governo, inicialmente com uma ameaça de Yusuf ao governo federal endereçado ao presidente do país, Alhaji Umaru Musa Yar'Adua, seguido por uma série de ataques entre 26 e 31 de julho nos estados de Borno, Bauchi, Yobe, Gombe, Kano e Katsina. Esses ataques exigiram uma resposta militar, que deixou cerca de 800 pessoas mortas, entre membros do grupo e civis conforme os autores, nesse interim, a própria mesquita que servia de base operacional para o Boko Haram foi atacada, na capital do estado de Borno, Maiduguri. Paralelamente, o grupo matou cerca de quarenta cristãos e queimou vinte igrejas cristãs como resposta (Reinert, Garçon, 2014).

Como resultado dos ataques desse período, centenas de membros do Boko Haram foram presos, incluindo o próprio Mohammed Yusuf, que foi executado no dia 30 de julho de 2009. Além disso, Alhaji Buji Fai, antigo membro da Comissão de Assuntos Religiosos no governo de Sheriff foi preso e morto, apontado como um dos financiadores do grupo. Nos anos seguintes, Abubakar Shekau se torna líder do grupo, que, por sua vez, tornou-se cada vez mais violento em suas ações, com ataques a prisões, (com o objetivo de libertar os membros capturados nos ataques de julho de 2009), realizou explosões em bairros e igrejas cristãs, ataques a bancos, bombardeios suicidas e assassinatos. Em 2011, o grupo chega a atacar um prédio das Nações Unidas por meio de um carro-bomba, representando o primeiro ataque do grupo a comunidade internacional (Reinert, Garçon 2014).

3.1 Métodos de ação e consequências

Considerando o objetivo do grupo, que era de “limpar” o governo de pessoas corruptas e se vingar das prisões e mortes arbitrárias ocorridas em 2009, o *modus operandi* do grupo após a tentativa de insurgência e assassinato de seu principal líder e figura pública se deu principalmente na forma de assassinatos. Os principais alvos do grupo eram membros dos serviços de segurança, figuras políticas do Partido de Todos os Povos da Nigéria no estado de Borno e figuras muçulmanas que se mostravam publicamente contrários ao grupo. Uma característica que deve ser ressaltada, é a definição clara que o Boko Haram tinha sobre quem eram seus inimigos, e a facilidade com que chegavam até seus alvos, que eram atacados em suas casas, escritórios ou igrejas, muitas vezes por pessoas próximas ou em ataques com motocicletas. Esses ataques instauraram uma sensação de insegurança em todos aqueles que eram contrários ao grupo, e levou a restrição do uso de motocicletas no período da noite no estado de Borno durante um período (Thurston, 2018).

Além disso, o Boko Haram passou a adotar táticas de bombardeio de locais considerados impuros em outros estados da Nigéria, como Plateau e Kaduna, que não fazem fronteira com Borno. Os locais impuros, de acordo com o grupo, eram bares e igrejas cristãs, e o emprego desse método buscava desencadear uma guerra inter-religiosa no país, objetivo que não foi alcançado e gerou uma onda de represálias. Além disso, houve uma dificuldade em atribuir responsabilidade por todos os atentados, uma vez que grupos terceiros estavam se aproveitando da oportunidade para fazer seus próprios atentados, mas que o Boko Haram acabava tomando responsabilidade (Thurston, 2018).

Além disso, o Boko Haram, em sua campanha do medo, também passou a fazer uso da propaganda para atingir os seus objetivos, fazendo apologia a um jihad global. Apesar de haver uma mescla entre ameaças e atentados, o grupo passou a fazer maior uso do medo da população, chegando a demandar que todos os cristãos deixassem a parte norte da Nigéria (Thurston, 2018). Dentre as atividades do grupo, existem também evidências de sequestros, principalmente de mulheres, e recrutamento forçado. A título de exemplo, em abril de 2014, cerca de 219 meninas foram sequestradas pelo grupo em uma escola no estado de Borno, embora existam relatos também de outras mulheres que foram sequestradas e abusadas sexualmente ou vítimas de casamento forçado (US Department of State, 2023).

Apesar de o Boko Haram não ter conseguido atingir seu objetivo máximo por meio de seus atentados terroristas e disseminação do medo, há uma clara cicatriz na sociedade nigeriana deixada pelo grupo. Dados do ACNUR de 2014 estimavam que o grupo tinha matado cerca de 15 mil pessoas, além de pessoas atingidas de outras formas, e que tenham causado aproximadamente 184 mil pessoas refugiadas no Camarões, Chad e Níger. Já os dados de 2015, da *Internal Displacement Monitoring Center*, aponta cerca de 1,5 milhão de deslocados internos no país, sendo 800 mil crianças (Iyekekpola, 2016). No entanto, dados mais recentes do Departamento de Estado dos Estados Unidos apontam 2,4 milhões de pessoas deslocadas apenas na parte Nordeste do país, tendo como principal causa do conflito entre Boko Haram e ISIS do Oeste Africano (ISIS-WA) (U.S. Department of State, 2023).

Quando tratamos dos pretextos para o surgimento do Boko Haram, encontramos uma gama de motivações que levaram a ascensão do grupo e sua posterior derrocada para o emprego de práticas violentas. Em uma tentativa de compreender o contexto nigeriano que possibilitou essa insurgência, o professor Wisdom Iyekekpola (2016) elenca as três principais linhas de pensamento sobre o assunto: econômica, ideologia religiosa e oportunidade política.

A motivação econômica para a insurgência é dividida em dois grupos, a insurgência por motivos de frustração econômica e por motivo de ambição econômica. Em linhas gerais, quando tratamos da questão econômica, deve-se considerar que a Nigéria conta com uma divisão social clara entre norte e sul, onde a parte norte conta com uma taxa maior de marginalização da população. Nesse sentido, pode-se argumentar que as dificuldades econômicas, muitas vezes causadas pela pouca governança e altos índices de corrupção, se apresentam como uma das causas de frustração e posterior agressão por parte da população, como era ressaltado nos discursos do antigo líder do grupo, Mohammed Yusuf. Por outro lado, vale ressaltar que o Boko Haram surgiu predominantemente na região nordeste da Nigéria, que apesar de ser uma região muito pobre em relação ao sul, não é pior do que a região noroeste do país, onde não há a incidência de grupos insurgentes, o que coloca em questão o argumento da motivação econômica (Iyekekpola, 2016).

A segunda linha de pensamento que reforça o surgimento do grupo, a ideologia religiosa, adotada pelo grupo no contexto nigeriano pode ser compreendida a partir do fundamentalismo religioso islâmico do grupo terrorista, que busca instaurar a sharia (lei islâmica) no país, em

contraponto às ideologias ditas ocidentais, que seriam ilegítimas e corruptas. Paralelamente, alguns pensadores apontam para um panorama mais amplo de um histórico de “islamização” do oeste africano (Iyekekpolo, 2016). Esse argumento religioso encontra embasamento nos pensamentos do líder do grupo, Yusuf, como apresentado anteriormente, mas deve ser visto com cautela, como mencionado na sessão anterior.

Ainda assim, a questão religiosa se apresenta com grande peso nas ações do grupo. Isso é evidenciado a partir da noção de que o objetivo principal do grupo seria acabar com o governo nigeriano e instaurar um regime apoiado nos ideais fundamentalistas do islã, ou seja, “limpar o sistema [nigeriano] poluído pela educação ocidental e instaurar a sharia em todo o país” (Hazzad, 2009 *apud* Ohuoha, 2012, tradução nossa). Além disso, o Boko Haram parte do princípio de que o Estado nigeriano está repleto de “imoralidades sociais”, e a melhor coisa para um muçulmano fazer é migrar dessa sociedade moralmente falida para um lugar islâmico sem corrupção e depravação (Onuoha, 2012). Por outro lado, acredita-se que o Boko Haram também tenha matado dezenas de muçulmanos inocentes em sua empreitada política (Mohammed, 2014).

E por fim, há um fator de oportunidade política também ligada ao surgimento e prevalência do grupo insurgente. O autor argumenta que, apesar de uma insurgência poder começar com uma questão religiosa e/ou econômica, é necessária uma oportunidade política para que o movimento crie raízes. Nesse sentido, o fundador do Boko Haram teria se aproveitado da instabilidade política no nordeste do país, causada pelas desavenças entre o governador do estado de Borno e seu sucessor, como uma oportunidade para insurgir e se estabelecer na região no início da década de 2000. Além disso, destaca-se a ineficiência e indecisão do governo em lidar com a insurgência como um dos motivos para que o movimento criasse raízes e crescesse ao longo dos anos (Iyekekpolo, 2016). Isso fica demonstrado na tentativa de estabelecer um diálogo e responder ao grupo, apesar de tentativas em 2011 de uma negociação e em 2013 de um programa de anistia, ambos negados pelo Boko Haram (Reinert; Garçon, 2014).

4. BOKO HARAM E AS LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

A ligação entre o Boko Haram e outros grupos terrorista, seja por motivos de aliança ou apenas inspiração, vem sendo discutida na literatura, especialmente com relação ao Talibã, Estado Islâmico (ISIS) e a Al-Qaeda. Com relação ao primeiro, deve-se lembrar que inicialmente o grupo ficou conhecido pelo nome “Talibã Nigeriano” por parte das populações locais que desprezavam seus ensinamentos e filosofias (Onuoha, 2012). Além disso, o grupo também adotou a bandeira do Talibã em algumas de suas campanhas e nomeou locais estratégicos de “Afeganistão”. Apesar disso, a embaixada dos Estados Unidos concluiu que o grupo não tinha ligações diretas com o Talibã, e a adoção desses simbolismos era vista como uma forma de assustar as forças de segurança nigerianas (Thurston, 2018).

Com relação a Al-Qaeda, a relação entre os dois grupos antes da insurreição de 2009 ainda é motivo de questionamento. Além de Osama Bin Laden ter convocado uma revolução (jihad) na Nigéria entre 2000 e 2002, o *International Crisis Group* alega que o líder da Al-Qaeda enviou cerca de 3 milhões de dólares para Muhammad Ali, um dos seguidores de Mohammed Yusuf e idealizadores dos ataques de 2003, o que colocaria a Al-Qaeda como um dos financiadores no início das atividades do Boko Haram. Apesar disso, um líder de um grupo dissidente do Boko Haram afirma que Ali nunca recebeu dinheiro da Al-Qaeda (Thurston, 2018).

Por outro lado, há evidências de que pelo menos três membros do Boko Haram tenham vivido com batalhões da Al-Qaeda no Magrebe Islâmico antes de jurarem lealdade a Yusuf e participarem da insurreição de 2009. Após o fracasso da insurreição, esses três membros do Boko Haram buscaram se aproximar do líder do grupo, Abd al-Malik Droukdel, em uma tentativa de estabelecer comunicações via telefone, internet e por um intermediário no Níger, entre o Boko Haram e a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico, além de fornecimento de armas, dinheiro e treinamento para o início de jihad nigeriano. Ainda assim, as cartas trocadas entre os dois lados não indicavam qualquer tipo de financiamento ou conhecimento da estrutura interna do Boko Haram por parte dos representantes da Al-Qaeda antes de 2009. Após os contatos iniciais, Droukdel acatou o pedido de treinamento, dinheiro e suporte logístico e midiático, afirmando publicamente estar pronto para treinar os combatentes nigerianos em fevereiro de 2010 (Thurston, 2018).

Ainda assim, é elementar destacar que a relação com a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico gerou poucos frutos, especialmente por conta das ressalvas que o grupo tinha quanto a violência

indiscriminada de Abubakar Shekau, que muitas vezes atacava também comunidades muçulmanas, e acredita-se que a movimentação mais relevante dos dois grupos em conjunto tenha sido o bombardeio ao prédio da ONU em 2011. Com relação ao braço principal da Al-Qaeda, comandada por Bin Laden, foi encontrada uma carta que demonstrava uma tentativa de Abubakar Shekau em alinhar os dois grupos sob uma única bandeira, e indicava uma tentativa do líder do Boko Haram em conhecer melhor o funcionamento interno do grupo. Não existem documentos ou declarações públicas de uma parceria ou fundição entre os grupos, o que pode explicar a inclinação do Boko Haram ao Estado Islâmico em 2015 (Thurston, 2018).

O Boko Haram jurou publicamente fidelidade ao Estado Islâmico em março de 2015, em um momento em que o grupo estava perdendo territórios e vendo o grupo terrorista al-Shabab da Somália completando sua fundição com a Al-Qaeda. Apesar de ser um movimento estratégico, há poucas evidências de que a parceria entre os dois grupos tenha dado frutos, possivelmente por conta da indiferença do líder do Boko Haram em assassinar muçulmanos contrários à sua causa. Isso fica evidenciado a partir do momento em que o Estado Islâmico publicou um vídeo convocando simpatizantes do oeste africano para lutar na Líbia, sem fazer menção ao Boko Haram. Além disso, uma das características do Estado Islâmico é uma liderança centralizada, independente do país em que o grupo esteja atuando, ao contrário do Boko Haram, que tem seus líderes situados no entorno do Lago Chade (Thurston, 2018).

Dessa forma, fica evidenciado que, apesar de haver uma tentativa de aliança do Boko Haram com outros grupos fundamentalistas, seja por questão de imagem ou aliança formal, o grupo não encontrou sucesso em suas empreitadas. Nos três casos citados, um deles – o Talibã – parece apenas ter inspirado o grupo nigeriano, enquanto os outros dois tiveram tratativas iniciais, mas um afastamento em seguida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado, é possível tirar algumas conclusões acerca do fenômeno do terrorismo na Nigéria, além de levantar hipóteses para o seu acontecimento em toda a África. Em primeiro lugar, percebe-se que, apesar de haver uma certa inspiração em grupos fundamentalistas islâmicos em outros lugares do mundo – vide a primeira empreitada do grupo sob a bandeira do

Talibã –, o Boko Haram surge de maneira endógena na Nigéria, como uma forma de resposta a questões que eles acreditam serem problemáticas no país, e mais especificamente na região nordeste. Além disso, a característica local do grupo é um fator bastante marcante, o que pode ter dificultado suas relações com outros grupos fundamentalistas e um protagonismo de âmbito mais local/nacional do que internacional.

Outro ponto importante a ser ressaltado é com relação ao fundamentalismo religioso na Nigéria. A literatura analisada aponta que muitos dos grupos terroristas com características religiosas tem como pano de fundo a ocupação estrangeira em seus territórios de atuação. No caso do Boko Haram, o contexto em que as demandas do grupo são apresentadas são diferentes, visto que a Nigéria não estava sob ocupação estrangeira e tinha um governo legitimamente nigeriano. Ainda assim, o grupo acreditava que apenas isso não seria suficiente, o seu objetivo fundamentalista religioso só seria alcançado se o país se livrasse totalmente da influência ocidental/estrangeira ainda presente no país como resquício da colonização.

Por outro lado, há uma dificuldade em se caracterizar o terrorismo especificamente no continente africano por conta dos movimentos de libertação que já atuaram no continente. Nesse sentido, no caso do Boko Haram, percebe-se que, apesar de o grupo gerar caos no nordeste nigeriano, causando deslocamentos e medo na população, eles ainda conseguiam encontrar simpatizantes com a sua causa, especialmente antes de 2009, com Mohammed Yusuf se apresentando com uma figura carismática. Colocando em evidência a contradição do uso do termo “terrorista” na África.

Por fim, concernente as ligações com o terrorismo internacional, é necessário salientar que as opiniões acerca do financiamento do Boko Haram por parte de grupos externos ainda são destoantes. Ainda assim, fica evidenciado que o grupo ao menos estabeleceu comunicações iniciais com grupos fundamentalistas religiosos, mesmo que esse contato não tenha dado os frutos que o líder do Boko Haram pretendia, a criação de uma jihad global. Uma hipótese para esse fracasso é a própria contradição apresentada pelo sucessor de Mohammed Yusuf, que não via problema em atacar pessoas muçulmanas.

Portanto, pode-se aferir que a colonização e o imperialismo no continente africano desempenham um papel relevante na formação de grupos terroristas. No caso estudado, um grupo

de indivíduos observou que sua cultura/religião foi ofuscada pelos interesses ocidentais e, por conta disso, incentivou o início de uma empreitada tanto no campo militar, quanto no campo político e da retórica para alcançar seus objetivos. Infelizmente, essa luta não consegue se desenrolar sem que haja dano colateral, e os próprios interesses iniciais do grupo sejam ofuscados.

A guisa de conclusão, é imperioso notar a necessidade de mais estudos sobre o fenômeno do terrorismo na África com mais estudos de casos, visto que existem vários grupos terrorista atuando no continente, sobretudo na região do Sahel. Além disso, utilizar literatura africana e conceitos de organismo regionais é fundamental para evitar generalizações sobre o conceito, uma vez que a visão africana é diferente daquelas comumente defendida ou aplaudida pela literatura ocidental.

6. REFERÊNCIAS

- BOTHA, S.; GRAHAM, S. E. **(Counter-) terrorism in Africa: Reflections for a new decade.** South African Journal of International Affairs, v. 28, n. 2, p. 127–143, 2021.
- BRECHENMACHER, S. **Stabilizing Northeast Nigeria After Boko Haram.** 2019.
- FIRSING, S. **South Africa, the United States, and the fight against Islamic extremism.** Democracy and Security, v. 8, n. 1, p. 1–27, jan. 2012.
- GONZÁLEZ, Y. S. **Principais Tendências do Terrorismo na África rumo a 2025.** Revista Brasileira de Estudos Africanos, p. 55–86, jun. 2020.
- IDAEWOR, Osiomheyalo O. O DOMÍNIO DO TERRORISMO : ASPECTOS DOS DESAFIOS PÓS-INDEPENDÊNCIA : **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, Porto Alegre, , p. 87–106, 2020.
- IYEKEKPOLO, W. O. **Boko Haram: understanding the context.** Third World Quarterly, v. 37, n. 12, p. 2211–2228, 1 dez. 2016.
- MOHAMMED, K. **The message and methods of Boko Haram.** Em: Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria. [s.l: s.n.]. p. 09–31.
- NASSER, R. M. **As Falácias do Conceito de “Terrorismo Religioso”.** Em: Do 11 de Setembro de 2001 à Guerra ao Terror: Reflexões sobre o Terrorismo no Século XXI. [s.l: s.n.]. p. 65–87.
- NKWI, Walter Gam. Terrorismo na história da África Ocidental: uma avaliação do Século XXI. **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, Porto Alegre, vol. 4, no. 8, p. 80–101, 2015.

ONUOHA, F. C. **The audacity of the Boko Haram: Background, analysis and emerging trend**. Security Journal, v. 25, n. 2, p. 134–151, abr. 2012.

Organization of African Unity. **OAU Convention on the Prevention and Combating of Terrorism**. 1 July 1999. Disponível em: au.int/sites/default/files/treaties/37289-treaty-0020_-_oau_convention_on_the_prevention_and_combating_of_terrorism_e.pdf. Acesso: 18 de set. 2024

REINERT, M.; GARÇON, L. **Boko Haram: A chronology**. Em: MARC-ANTOINE PÉROUSE DE MONTCLOS (Ed.). *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*. Ibadan: OpenEdition Books, 2014. p. 237–245.

SAINT-PIERRE, L. H. **A Necessidade Política e a Conveniência Estratégica de Definir o “Terrorismo”**. *Idéias*, p. 129–162, 2003.

THURSTON, A. **Boko Haram: The History of an African Jihadist Movement**. [s.l.] Princeton University Press, 2018.

U.S. Department of State. **“Nigeria.”** *United States Department of State*, 2023, www.state.gov/reports/2023-country-reports-on-human-rights-practices/nigeria/. Acesso: 21 ago. 2024

UNITED NATIONS. **Africa now “global epicentre” of terrorism: UN chief** | UN News. [news.un.org](https://news.un.org/en/story/2024/01/1145852). Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2024/01/1145852>>. Acesso: 26 abr. 2024

Whittaker, David J. **Terrorismo - Um Retrato**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2005.